Aharon Appelfeld e Imre Kertész: A apresentação e o testemunho da Shoah na ficção.

Autora: Raquel da Silva Pinheiro.

Resumo

Este trabalho apresenta uma pesquisa de literatura comparada entre os romances da literatura da Shoah *Sem Destino*, de Imre Kertész, e *Badenheim 1939*, de Aharon Appelfeld, ambos sobreviventes de Campos nazistas de concentração e extermínio. A pesquisa mostra como o testemunho da Shoah dos autores sobreviventes aparece na literatura. Ela também discute também o horror na literatura da Shoah através da teoria do sublime, e também questões éticas que envolvem a apresentação da Shoah, com ênfase na relação da Shoah com a ficção. A pesquisa lida com a relação de memória, história e trauma, trazendo teorias da psicanálise e discussões sobre a história.

Palavras-chave:

Shoah, testemunho, literatura.

Introdução

Na segunda metade do século XX, popularizou-se o que é chamado de Literatura da Shoah, uma literatura escrita majoritariamente por sobreviventes desse genocídio. Tal literatura traz para o *local literário* a temática da Shoah, ou seja, os sobreviventes colocam na narrativa também suas memórias. Com isso, surgiram discussões acadêmicas como a presença de teor testemunhal na literatura¹, levando em conta a presença da memória do trauma². Além disso, discute-se sobre língua e linguagem e suas impossibilidades de representação e reconstrução³ da Shoah, pois o discurso da memória é fragmentado, possui muitas faltas por conter o real⁴. Discussões sobre estética literária também ocorrem, e esta pesquisa usa a teoria do sublime para discutir o terror presente na literatura da Shoah. Além do campo literário, fala-se sobre ética, tanto a ética da memória (seu valor histórico), como a ética da abordagem de um tema tão delicado em um local tão incerto, e humano, como a ficção literária.

Resultados e Discussão

Kertész apresenta a Shoah com György passando por campos de concentração e extermínio, sofrendo os efeitos da desumanização tanto emocionalmente quanto fisicamente⁵. Já Appelfeld trata das primeiras medidas que o partido nazista tomou contra os judeus, ao mandar que se registrem na divisão sanitária, ao fazerem inspeções e obrigá-los a viajar para a Polônia⁶. *Badenheim 1939* é mais alegórico que *Sem Destino*, mostra a Shoah como sensação de estranhamento⁷ e como o aumento ou surgimento da loucura nos personagens. *Sem Destino* procura trazer reflexões sobre o que foi a Shoah.

O Sublime se faz presente nos romances, através principalmente do fato de que, para os leitores, a Shoah é um grande mistério, fonte de grande terror e temor, algo que será sempre desconhecido, irrepresentável e incomensurável, e que só é possível de imaginar⁸.

A ficção⁹ possibilita apresentar a Shoah de forma ética, pois nela o real possui mais liberdade, graças à possibilidade de criação artística para lidar com emoções revividas e de memórias dos autores sobreviventes.

Conclusões

A literatura da Shoah sem dúvidas é grande fonte para estudos sobre estética, sobre memória, história e linguagem. É uma literatura resistente, daqueles que sobreviveram quando o único desfecho previsto era a morte. Kertész e Appelfeld mostram, de maneiras únicas e diferentes entre si, que a ficção possibilita trazer a Shoah para a literatura de forma tanto para abarcar a arte e a alegoria quanto para a memória e as descrições da realidade que os sobreviventes viveram. Com os estudos da teoria do testemunho, foi possível ver a grande limitação da língua e da linguagem e de que a busca pela totalidade no testemunho é impossível, ele se faz por meio de fragmentos e será sempre uma grande falta, por conter o real laciano.

Agradecimentos

Ao CNPq, pelo projeto de bolsas PIBIC na Unicamp;
À Luiza Pinheiro, pelo incentivo ao desenvolvimento da pesquisa e pelas discussões sobre seu tema;
A Márcio Seligmann-Silva, pela ajuda com a bibliografia, com as dúvidas e por aceitar orientar esta pesquisa, que foi enriquecedora de conhecimentos acadêmicos e pessoais.

¹Seligmann-Silva, Márcio. "Testemunho e a política da memória: O tempo depois das catástrofes". Projeto História, São Paulo, v.30, p.71-98, jun. 2005.p. 85.

²Freud, Sigmund. "Além do princípio do prazer". In: *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.168-170, 177-178.

³Seligmann-Silva, Márcio. "A história como trauma". Nestrovski, Arthur; Seligmann-Silva, Márcio (orgs). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p.77.

⁴Foster, Hal. "O retorno do real". In: Foster, Hal. *O retorno do real: A vanguarda no final do século XX*. Tradução do inglês Célio Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2014. pp.122-159.

⁵Kertész, Imre. *Sem Destino*. Tradução do húngaro Paulo Schiller. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

⁶Appelfeld, Aharon. *Badenheim 1939*. Tradução do hebraico Moacir Amâncio. Barueri, SP: Amarelly, 2012.

⁷Waldmann, Berta. "Badenheim, 1939: ironia e alegoria". In: Seligmann-Silva, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.p.171-187.

⁸Schiller, Friedrich. *Do sublime ao trágico*. Organização Pedro Sússekind; tradução e ensaios Pedro Sússekind e Vladimir Viera. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

⁹Derrida, Jacques. *Morada*. Lisboa: Vendaval, 2004.